Norberto Ávila

As Histórias de Hakim

Norberto Ávila

UFLOM0156

As Histórias de Hakim

Título original
AS HISTÓRIAS DE HAKIM

Autor
NORBERTO ÁVILA

Prefácio
LUIZ FRANCISCO REBELLO

Capa
NORBERTO ÁVILA
(com uma ilustração de WOLFGANG VEGAS)

Edição do autor

© Norberto Ávila
Direitos de representação:
Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31 — 1100 Lisboa
Tel. 57 83 20

Reservados todos os direitos desta peça (como de qualquer outra obra do autor), nesta ou noutra versão, incluindo os direitos de representação por grupos de teatro de amadores, em quaisquer circunstâncias. Toda a utilização não autorizada dos referidos textos (global ou parcialmente) nos domínios da publicação, representação, transmissão pela rádio ou televisão, adaptação cinematográfica ou outros meios de comunicação audiovisual é passível de procedimento judicial, nos termos da legislação em vigor (artigos n.os 102 e seguintes do Decreto-Lei 46980, de 27.4.1966).

3.ª edição portuguesa
4 000 ex.
Março de 1982

Composição e impressão:
Texto — Tipografia Garcia & Carvalho, Lda.
R. S.to António da Glória, 90 — 1200 Lisboa
Capa — Nobelgráfica
R. Passoas Manuel, 99, 1.º, E. — 1100 Lisboa

AS HISTÓRIAS DE HAKIM — peça escrita em 1966. Prémio Manuscritos de Teatro, 1967. Primeira publicação: Edições Panorama, Lisboa, 1968. Segunda edição portuguesa: APTA, Lisboa, 1978. Estreia absoluta: Teatro Monumental, Lisboa, 1969; encenação de Alexandre Vieira; cenários e figurinos de Melo Frazão.

Traduções em: Espanhol, Catalão, Galego, Francês, Alemão, Suíço-Alemão, Polaco, Esloveno, Servo-Croata, Búlgaro, Romeno, Checo e Japonês.

Primeiras edições estrangeiras: *Verlag der Autoren*, Frankfurt, RFA, e *Henschelverlag*, Berlim, RDA, respectivamente, ambas de 1975; versão de Thomas Brasch.

Em 1978 a revista *Theater heute* dedica-lhe grande parte de um dos seus números, publicando, além do texto integral da peça, artigos sobre a carreira da obra na Alemanha e o conjunto do trabalho dramatúrgico do autor, entrevista, biografia e documentação fotográfica.

Em 1981 é incluída na colecção «Theaterbibliothek» *(Verlag der Autoren)*, em que se publicam textos de Fassbinder, Shakespeare, Ibsen, Strindberg, Gorki, Turgniev, Marivaux, Schwartz, Molière, Buejo Vallejo, Dorst, Synge, etc.

Principais encenações profissionais:

1969 — PORTUGAL, Lisboa *(Teatro Monumental)*

1976 — RDA, Schwerin *(Mecklenburgisches Staatstheater)*. RFA, Frankfurt *(Theater am Turm)*; Göttingen *(Deutsches Theater)*; Pforzheim *(Stadttheater)*.

1977 — RFA, Essen *(Städtische Bühnen)*; Hamm *(Festspiel)*. PORTUGAL, Lisboa *(Teatro Perna de Pau*, versão para marionetas).

1978 — RDA, Magdburgo *(Theater der Jungen Zuschauer)*; Leipzig *(Theater der Jungen Welt)*; Dessau *(Landestheater)*. PORTUGAL, Porto *(Teatro Experimental)*. RFA, Munique *(Modernes Theater)*.

1979 — JUGOSLÁVIA, Belgrado *(Teatro Bosko Buha)*; Maribor *(Teatro Nacional da Eslovénia)*. PORTUGAL, Funchal *(Grupo Experimental de Teatro)*. SUÍÇA, Zurique *(Bretter Bühne)*; Bremgarten *(Keller-Theater)*. RFA, Reutlingen *(Theater in der Tonne)*; Oldenburg *(Staatstheater)*; Wiesbaden *(Staatstheater)*.

1980 — RFA, Hannover *(Theaterwerkstatt)*; Karlsruhe *(Staatstheater)*; Mannheim *(Nationaltheater)*; Darmstadt.

1981 — ESPANHA, Barcelona *(Grupo d'Acció Teatral)*. ROMÉNIA, Bacau *(Teatrul de Animatie*, versão para marionetas). CHECOSLOVÁQUIA, Slavkov, Brno, Mestské Kulturní Stredisko.

1982 — RFA, Erlangen *(Theater Erlangen)*; Dinslaken *(Burghofbühne)*.

Radiotelevisão:

1980 — Radiotelevisão Jugoslava, Belgrado.

1981 — Radiotelevisão Espanhola, Barcelona.

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de Setembro de 1936. De 1962 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-74). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais profundamente ao seu trabalho de dramaturgo.

Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, T. Williams, A. Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder e Blanco-Amor.

Aceitou dirigir para a RTP (1.º Canal), a partir de Novembro de 1981, uma série de programas quinzenais dedicados à actividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

Além de AS HISTORIAS DE HAKIM escreveu as seguintes peças: A DESCIDA AOS INFERNOS e O HOMEM QUE CAMINHAVA SOBRE AS ONDAS, ambas de 1959 e publicadas no ano seguinte. A primeira, apresentada pela RTP em 1967, e a segunda, levada à cena em Évora em 1960 (primeira representação do autor, por um grupo de amadores). O SERVIDOR DA HUMANIDADE (1962), Prémio Manuscritos de Teatro; *Teatro Popular de Lisboa*, RTP, Emissora Nacional, Rádio Clube de Moçambique. A PULGA (1962). O LABIRINTO (1964). A ILHA DO REI SONO (1965); publicada pela Plátano Editora, traduzida em Francês, Alemão, Polaco, Servo-Croata e Japonês. MAGNIFICO I (1965). A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS (1972 e 78), 2.º Prémio do Concurso comemorativo dos 30 Anos do Teatro Experimental do Porto. AS CADEIRAS CELESTES (1975), 1.º Prémio do Concurso comemorativo dos 50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores; Prelo Editora; traduções em Alemão, Espanhol e Galego. O ROSTO LEVANTADO (1977-78), peça recomendada pelo Júri do Concurso da Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral. A HERANÇA (1979). VIAGEM A DAMASCO (1980), traduzida em Alemão.

I PARTE

O TAPETE VOADOR (quase uma história)

A ARCA DE SÂNDALO

II PARTE

OS LADRÕES-BAILARINOS

O AVARENTO MARUF

Personagens e suas metamorfoses:

HAKIM (contador de histórias)
Tching-Tchang, embaixador da China
Emin, um jovem músico
Zubaida, uma mulher faladora

TAIEB (vendedor de água)
Amed, um escravo do Califa
Omar, um jovem músico
Ali, criado do avarento Maruf

FÁTIMA (apaixonada de Taieb)
Laila, refém de salteadores

IDRISS (mercador de tapetes mágicos)
Grão-Vizir
Pé-Ligeiro, um salteador

O CALIFA (dono e senhor de Bagdade)
Olho-Vivo, um salteador

MARUF (um avarento)
Pirilampo, um salteador

DOIS DESCONHECIDOS (depois Guardas palacianos)

Nota: Dadas as características estruturais desta nova versão da peça, considera-se absolutamente indispensável que a distribuição dos papéis seja feita pelos sete actores e uma actriz, conforme vai indicado. Sem o que o próprio significado político-social e a sua interpretação estética sairão prejudicados e, até, anulados.

Supõe-se decorrer em Bagdade, há muitos, muitos anos, a vida do jovem Hakim.

Nesse mesmo lugar, nesse mesmo tempo, se passam as histórias por ele contadas. (Um dispositivo cénico, básico, com alguns elementos complementares, poderá facilmente sugerir os locais da acção.)

A um dos lados do palco ergue-se uma belíssima árvore — a verdadeira árvore da fantasia — sobre os ramos da qual assenta um estrado de madeira. É a «casa» de Hakim. Partindo de um dos ramos e descendo até ao solo, um tronco bastante mais delgado do que o da árvore, serve de escada ou rampa. Em baixo, uma velha arca. No decurso das diversas histórias permanecerá esta árvore na penumbra.

Os vários lugares cénicos, necessários à acção das histórias, serão criados na parte restante do palco.

I PARTE

1

(Luz indecisa da antemanhã.

Dorme o jovem Hakim tranquilamente, reclinado no seu estrado de madeira, entre a folhagem exuberante da árvore fantástica.

Taieb, o pobre e ingénuo vendedor de água, entra no terreiro, com os apetrechos do ofício: A tiracolo, um odre cheio; suspenso da cintura, por uma pequena corrente, um copo de metal; numa das mãos, uma campainha de latão.)

TAIEB *(toca a campainha e chama)* — Hakim! *(Toca novamente.)* Hakim!

(Desperta o adormecido e, vagaroso, senta-se no estrado.)

TAIEB — Salta daí, molangueiro! Não vês o Sol, que desponta?

HAKIM *(depois de espreguiçar-se longamente)* — O Sol? Falsas notícias me trazes, mensageiro amigo. O Sol, dizes tu? Esse há-de vir ainda nos confins do Oriente, o bem-aventurado!

(Debruça-se num ramo da árvore, como se estivesse a uma janela.)

TAIEB — Já fui pela água, que outra mercadoria não tenho para vender. *(Ironicamente.)* O meu negócio não é de palavras...

HAKIM — O meu, sim. São as palavras que vestem o pensamento e ilustram o nosso viver quotidiano.

TAIEB — Disso não saberei falar, que poucos são os meus conhecimentos.

HAKIM *(levantando-se)* — Sabes mais do que pensas, Taieb. *(Desce da árvore.)* Mas ainda bem que apareces. Tenho, para mostrar-te, uma surpreendente novidade.

(Taieb desembaraça-se do odre, que pousa no chão, assim como o copo e a campainha.)

TAIEB — E o que vem a ser?

HAKIM — Hás-de lembrar-te, por certo, do gentilíssimo mercador chinês?

TAIEB — O das sedas?

HAKIM — Sim. Está outra vez em Bagdade. Ontem passou aqui largo tempo, ouvindo-me contar várias histórias.

TAIEB — Mofina criatura! De Árabe não há-de entender coisa que lhe sirva.

HAKIM — Para os olhos bastaram-lhe os meus gestos. Para os ouvidos, as múltiplas inflexões da minha voz. *(Expressão incrédula do vendedor de água.)* Foi o que julguei compreender, nos seus movimentos de mãos e muitos salamaleques. E assim, creio que para significar-me o seu contentamento e a sua gratidão... *(Abre a arca e tira uma espécie de casacão ou cabaia de seda verde, de forro vermelho.)*

TAIEB — Ofereceu-to?

HAKIM — Assim foi, na verdade. *(Veste o casacão e põe as mãos à chinesa.)*

TAIEB — Não posso crer nos meus olhos!

(E vai o contador de histórias numa volta pelo terreiro, com passinhos saltitantes.)

HAKIM *(adelgaçando a voz)* — «O meu nome é Tching-Tchang. Chinês de naturalidade, que assim o indicam o meu nome e toda a minha aparência.»

(Espreitam, neste instante, dois desconhecidos atrás dum arbusto.)

HAKIM — «Quis Sua Majestade o Imperador da China *(faz uma reverência)* enviar-me como embaixador a estes vastos domínios, de que sois o ilustríssimo e competentíssimo Califa.» *(Ri-se.)*

(Ocultam-se os desconhecidos, novamente.)

TAIEB — Cuidado, Hakim! Isto é quase dia. Poderão ver-te.

HAKIM — E que vejam!

TAIEB — Sempre me disseram que a nossa Santa Religião proíbe a imitação do homem pelo homem.

HAKIM — Também os preceitos das religiões estão sujeitos a reformas, mormente quando contrários à dignidade humana. Ou quando impedem, com desnecessárias e arbitrárias restrições, o estabelecimento integral da nossa felicidade. E é neste mundo que eu vivo, Taieb! Neste mundo!

TAIEB — Por viveres neste mundo, Hakim, e não no mundo da tua fantasia, é que deves acautelar-te. Ninguém está livre de uma denúncia. Há demasiados olhos e ouvidos interessados em cenas como esta.

(Voltam os dois homens a espreitar.)

TAIEB — Despe essa vestimenta, já. *(Ajuda-o a despir a cabaia, que guarda na arca. Fechada esta, senta-se-lhe em cima.)* Senta-te aqui um pouco. *(Hakim toma lugar a seu lado.)* Sentimos vigiada, sobremaneira, a nossa pobre existência. Arremedar visualmente o teu semelhante, até esse ponto, Hakim, isso não te será permitido. Não ultrapasses os limites do vulgar contador de histórias.

(Saíram os dois homens, entretanto, de trás do arbusto. Ainda que disfarçados em amplos albornozes, distinguem-se-lhes melhor os vultos. Um deles traz na mão um saco de burel, de onde tiram um longo tubo acústico, que desenrolam. O primeiro pega-lhe numa ponta, em que existe uma espécie de pequena campânula, avança cautelosamente até junto da árvore e lança-a por cima dum ramo sobranceiro a Hakim e Taieb, ficando a campânula suspensa sobre as suas cabeças. Volta depois para junto do companheiro. E ambos escutam o resto da conversação, por uma espécie de auscultadores existentes naquele outro extremo do tubo.)

TAIEB — E se queres vestir essas roupas alheias, que te podem estimular na criação das muitas

figuras em que a tua imaginação é fértil, ao menos hás-de fazê-lo com certa prudência e a horas mais convenientes.

HAKIM *(irónico)* — Muito agradeço os vossos conselhos, venerável ancião.

TAIEB *(idem)* — Ninguém é sábio sem consultar o sábio, diz o provérbio. *(Pausa.)* Mas muito seriamente, Hakim: Começo a ficar preocupado contigo.

HAKIM — E porquê?

TAIEB — Tu bem o sabes. Esse projecto do novo conto, por exemplo, que me contaste ultimamente, não poderia ser mais atenuado em alguns aspectos?

HAKIM — Não, Taieb. Desta vez não te farei a vontade. O conto irá assim mesmo, chegará aos ouvidos do povo tal como o imaginei.

TAIEB — Assim, tão subversivo?

HAKIM — Arrisco tudo por tudo. Por muito desenfreada que seja a minha fantasia, nunca poderei imaginar outro lugar mais devastado pela intolerância, a injustiça, a tirania, a corrupção. É também por amor a Bagdade que me permito denunciar...

(O contador de histórias levanta os olhos e depara-se-lhe o aparelho de escuta. Tira do bolso um cochicho ou assobio de barro.)

HAKIM *(sem que Taieb se aperceba do que se está a passar)* — E agora, estimados ouvintes, escutareis um vigoroso trecho musical. O Coro dos Rebeldes Passarinhos interpreta... *(pausa)* Hino à Li-